

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Pedro Neves direção musical  
Carlos Alves clarinete

5 abr 2024 · 21:00 Sala Suggia



casa da música

MEGENAS





Entrevista ao clarinetista Carlos Alves.

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



---

1ª PARTE

## Leonard Bernstein

Abertura da opereta *Candide* (1956; c.6min)

## Mário Laginha

Concerto para clarinete e orquestra (2012; c.26min)

1. Introdução — Allegro
2. Adagio
3. Allegro vivo

---

2ª PARTE

## Leonard Bernstein

Danças Sinfónicas de *West Side Story* (1960; c.23min)

Prólogo — Somewhere — Scherzo — Mambo — Cha-cha —  
Meeting Scene — Cool Fugue — Rumble — Finale

# Leonard Bernstein

MASSACHUSETTS, 1918 – NOVA IORQUE, 1990

## Abertura da opereta *Candide*

O lugar de Leonard Bernstein enquanto protagonista de um novo fôlego no teatro musical norte-americano foi sendo definido a partir de 1944, com *On the Town*, e prosseguiu com *Wonderful Town* e *Candide*. Esta última foi estreada na Broadway em 1956. Baseada numa obra de Voltaire com o mesmo título, o seu libreto foi escrito originalmente por Lillian Hellman, mas desde 1974 passou a ser interpretada com um novo libreto de Hugh Wheeler, um sinal das variadas versões que teve ao longo de décadas. Um dos excertos que mais rapidamente alcançou o sucesso foi a Abertura, frequentemente interpretada como uma peça instrumental única.

O enredo da opereta navega entre o sarcástico e o absurdo, relatando as aventuras de Candide, um jovem que acredita que tudo acontece “pelo melhor, neste que é o melhor de todos os mundos possíveis”. O sábio que o inspira com os seus ensinamentos, a si e a vários alunos, é Pangloss. À pergunta “E a guerra?”, o mestre responde: “Embora pareça uma maldição sangrenta, pelo contrário, é uma bênção. Quando ressoam os canhões, ricos e pobres estão unidos pelo perigo”. Com esta filosofia, Candide vive em paz sem lamentar as desgraças que lhe vão acontecendo: é expulso da sua terra, Westphalia; é capturado e obrigado a combater no exército que massacra todos aqueles que conhece (mas que vão regressando à vida mais tarde); vai parar a Lisboa e é condenado num auto-de-fé, onde Pangloss morre pela segunda vez, mas Candide é “apenas” espancado. Acaba por descobrir o Eldorado na América do Sul, um mundo tão perfeito que até

“se presta culto apenas a um deus, e não a três como na Europa”, mas que não lhe parece especialmente bom sem a sua amada Cunegonde. Pelo caminho, em Espanha, encontra a Senhora Velha, que canta um tango em que mostra como se faz passar por espanhola. Finalmente, com os seus companheiros e Cunegonde, acaba por mudar a sua filosofia de vida. Afinal, o mundo não traz a felicidade naturalmente, é preciso aprender a fazer o pão de cada dia, a construir aquilo de que se necessita.

## Danças Sinfónicas de *West Side Story*

*West Side Story*, com libreto de Arthur Laurents e letras das canções de Stephen Sondheim, tornou-se um dos musicais mais célebres de sempre, numa época em que a Broadway já não produzia facilmente grandes êxitos. Na nota de introdução da partitura, o compositor Jack Gottlieb refere como, juntamente com os títulos *On the Town*, *Wonderful Town* e *Candide*, se revela uma linha progressiva no desenvolvimento composicional de Bernstein: “Quase se podia prever que, quando *West Side Story* atingiu a Broadway como uma bomba, em Setembro de 1957, seria aclamada como uma marca do teatro americano. (...) Muito antes, Bernstein havia especulado que uma forma genuína de teatro musical americano acabaria por emergir dentre a chamada comédia musical. Muitos são aqueles que consideram que esta teoria começou a ser implementada em *West Side Story*. Elementos das tradições de palco da Europa e dos Estados Unidos foram fundidos numa forma de arte original que não é ópera nem comédia musical”.

Gottlieb prossegue, explicando que do *Velho Mundo* vieram os complexos arranjos para ensembles vocais; o uso da música para projectar a acção; e o recurso dramático aos

*leitmotive* (por exemplo, o tema associado à violência de *gangs*, no Prólogo, ou outro associado à ideia de união, no Finale). E veio também a aplicação de métodos de desenvolvimento musical, quer transformando o intervalo do trítone (a famosa melodia de “Maria”), quer no uso de variações melódicas ou rítmicas. Já do *Novo Mundo* vieram “os timbres e figurações idiomáticos do jazz e da música latina (a maior parte da música de dança); as mudanças constantes e fluídas entre texto falado e música, bem como entre cenas (...); e a abordagem cinética ao palco, comunicando através de música coreográfica”.

O argumento é uma adaptação da história de Romeu e Julieta — um amor proibido entre dois membros de famílias rivais. Neste caso, a trama passa-se em Nova Iorque, com grupos de diferentes etnias: Tony faz parte de um *gang* branco e apaixona-se por Maria, irmã do líder do *gang* porto-riquenho. Em 1961 deu origem a um filme com o mesmo título, um estrondoso sucesso de bilheteira que ganhou dez Óscares da Academia, incluindo o de melhor filme. O disco com a banda sonora tornou-se, na época, o mais vendido de sempre nessa categoria.

Estas Danças Sinfónicas são uma realização mais livre das intenções do compositor: sendo destinadas a uma orquestra sinfónica, ultrapassam deste modo as limitações da orquestra de teatro, em que não era raro um músico ter de tocar vários instrumentos ao longo da peça. A orquestração foi realizada com a assistência de Sid Ramin e Irwin Kostal, e a suite organizada pelo primeiro. Ao longo de nove números, apresenta diferentes momentos da peça, não necessariamente na sua sucessão original.

- “Prólogo”: ilustra a rivalidade crescente entre os dois *gangs*, os Jets e os Sharks.
- “Somewhere”: título de uma das célebres canções do musical, representa um ballet

sonhado em que os dois *gangs* se unem com amizade.

- “Scherzo”: ainda em sonhos, os *gangs* ultrapassam os muros da cidade e encontram-se num mundo agradável de espaço, ar e sol.
- “Mambo”: de regresso ao mundo real, esta é uma dança competitiva entre os *gangs*.
- “Cha-cha”: Tony e Maria encontram-se pela primeira vez e dançam juntos.
- “Meeting Scene”: a música acompanha as primeiras palavras que os jovens apaixonados trocam entre si.
- “Cool Fugue”: sequência elaborada de dança em que Riff lidera os Jets, acalmando a sua hostilidade impulsiva.
- “Rumble”: grande batalha entre os *gangs*, em que os respectivos líderes são mortos.
- “Finale”: a canção “I Have a Love” de Maria transforma-se numa procissão e evoca a visão de “Somewhere”.

FERNANDO PIRES DE LIMA\*

# Mário Laginha

LISBOA, 1960

## Concerto para clarinete e orquestra

Preparava-me para escrever uma abertura orquestral para Guimarães 2012 — Capital Europeia da Cultura quando o clarinetista Carlos Alves me trocou as voltas: desafiou-me a compor, em vez disso, um concerto para clarinete e orquestra. O desafio implicava, claro, muitas horas extra de trabalho, mas seria também mais estimulante. Além disso, havia todo o entusiasmo do Carlos. Não havia como dizer não, por isso atirei-me de cabeça. Durante o processo de composição, pude sempre contar com a sua preciosa ajuda para entender os limites técnicos do instrumento (não que ele tenha muitos). O resto fiz a caminhar pelo meu universo musical, levando comigo as minhas maiores influências: o jazz, a música clássica (principalmente do século XX), a música portuguesa e alguma africana aparecem com maior clareza. Gosto de pensar que é desta amalgama que resulta a minha própria identidade enquanto músico.

MÁRIO LAGINHA

Estávamos em digressão com o espetáculo *Sombras* de Ricardo Pais, em Janeiro de 2012, na cidade brasileira de São Paulo, quando o Mário Laginha me mostrou a partitura com a ideia inicial do concerto de clarinete e me disse o seguinte: “Começas sozinho vindo do nada, somente com os tímpanos a responderem-te, em pequenas cadências até se instalar o Tempo Primo; a orquestra somente entra neste jogo no compasso 20 com um acorde em forte, quebrando assim todo este mistério e suspense da parte inicial”.

O primeiro andamento é o mais complexo do ponto de vista estrutural, em que é exigido ao clarinetista um grande domínio do instrumento principalmente no registo agudo, tanto ao nível dinâmico, como intervalar: note-se, por exemplo, o final do andamento em que o clarinete termina no registo sobreagudo juntamente com os harmónicos dos primeiros violinos, na dinâmica mais *piano* possível.

O segundo andamento está escrito de uma maneira tradicional, sendo de enaltecer a simplicidade com que Laginha cria e desenvolve as suas belíssimas melodias atingindo momentos de uma química muito comovente entre solista e orquestra.

O terceiro andamento começa numa pulsação muito rápida a quatro tempos, passando por vários episódios que têm como denominador comum uma grande exigência, tanto do solista como da orquestra, no plano da virtuosidade.

A seguir à cadência, o concerto caminha para um final de grande intensidade, transportando-nos para os ambientes de uma autêntica *big band* de jazz. Neste andamento, tanto no plano rítmico como no melódico, sentimos o compositor na sua plenitude, estando sempre presente o seu estilo muito próprio que eu muito admiro.

CARLOS PIÇARRA ALVES\*

---

\* Os autores não aplicam o Acordo Ortográfico de 1990.

## **Pedro Neves** direção musical

Pedro Neves é diretor artístico e maestro titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa, e maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi maestro titular da Orquestra do Algarve (2011-2013) e maestro associado da Orquestra Gulbenkian (2013-2018).

É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, as Orquestras Sinfónicas do Estado de São Paulo e de Porto Alegre, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza.

No âmbito da música contemporânea, o maestro tem colaborado com o Sond'Ar-te Electric Ensemble (com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, e digressões pela Coreia do Sul e pelo Japão), com o Remix Ensemble Casa da Música, com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e com o Síntese Grupo de Música Contemporânea.

É fundador da Camerata Alma Mater, que se dedica à interpretação de repertório para orquestra de cordas, e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os estudos musicais na sua terra natal, na Orquestra Filarmónica 12 de Abril (Travassô, Águeda). Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera, respetivamente no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que diz

respeito à direção de orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, completando a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomarico em Milão e com Michael Zilm, do qual foi assistente. Recentemente, concluiu o doutoramento em Interpretação na Universidade de Évora, tendo como objeto de estudo o Concerto, a Sinfonietta e o Diver-timento II para orquestra de cordas do compositor Joly Braga Santos.

O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, pela coerência e pela seriedade da interpretação musical.

## Carlos Alves clarinete

Carlos Alves é Solista A na Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e professor na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco. Foi artista e professor convidado da Universidade do Estado do Arizona (EUA) em 2009 e 2010.

Concluiu o curso superior na ESMAE, na classe de António Saiote, e obteve o Prix de Perfectionnement à l'Unanimité du Jury no Conservatório Superior da Região de Versalhes, na classe de Philippe Cuper.

Foi director artístico do Festival Internacional de Música de Paços de Brandão, de 2009 a 2012. Em Guimarães 2012 — Capital Europeia da Cultura, no ciclo Master Pieces, foi o solista da estreia mundial do Concerto para clarinete e orquestra de Mário Laginha. Em 2013 foi júri da Direção-Geral das Artes na área da Música.

Em 2015, no Concerto de Gala do Congresso Mundial de Clarinete em Madrid, foi solista, juntamente com Philippe Cuper e a Banda Sinfónica de Madrid, na estreia da obra *Lara* de González Moreno. No ano seguinte, foi o solista português com a OSO na apresentação da candidatura de Craiova (Roménia) a Capital Europeia da Cultura.

Em 2018 tocou a solo e gravou em CD o Concerto para clarinete e orquestra de Mário Laginha, com a Orquestra Gulbenkian de Lisboa.

Foi galardoado com o Prix Musique Classique pelo Institut du Monde Lusophone (Paris), em 2019. Em dezembro desse mesmo ano e em junho de 2020 foi solista com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Em 2021 criou o Festival Internacional de Clarinete de Castelo Branco, do qual é o diretor artístico até hoje. Em 2023 foi homenageado com a Medalha de Mérito Cultural pela Câmara Municipal de Nisa.

Foi premiado em concursos nacionais e internacionais, entre os quais o Prémio Jovens Músicos, Concurso Internacional de Roma e Concurso Internacional AOP na Roménia.

Tocou a solo com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Gulbenkian de Lisboa, Orquestra Clássica da Madeira, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Sinfónica de Constanza na Roménia, Orquestra Sinfónica de Ontélia na Roménia, Orquestra J. Futura em Itália, Banda Sinfónica de Madrid, Banda da Guarda Nacional Republicana, Banda Sinfónica Portuguesa e Banda Sinfónica da Branca.

No seu CD *Recital in the West* (2010), gravado nos EUA com o pianista Caio Pagano, a imprensa norte-americana encontrou a melhor interpretação da Primeira Sonata de Brahms. Gravou o Concerto para clarinete e orquestra de Mozart para a EMI Classics.

No Teatro Nacional São João, musicou ao vivo *Figurantes* e *D. Juan* de Ricardo Pais.

Carlos Alves é artista Buffet Crampton e Vandoren, sendo um dos clarinetistas mais aclamados da atualidade no panorama internacional.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, a *Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

**Violino I**

James Dahlgren  
 Álvaro Pereira  
 Vladimir Grinman  
 Ianina Khmelik  
 Alan Guimarães  
 Vadim Feldblioum  
 José Despujols  
 Evandra Gonçalves  
 Maria Kagan  
 Roumiana Badeva  
 Andras Burai  
 Ana Pires\*  
 Margarida Campos\*  
 José Pedro Rocha\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
 Tatiana Afanasieva  
 Pedro Rocha  
 Mariana Costa  
 Karolina Andrzejczak  
 Catarina Martins  
 Lilit Davtyan  
 Domingos Lopes  
 Matilda Mensink\*  
 Jorman Hernandez\*  
 Diogo Coelho\*  
 Paul Almond

**Viola**

Mateusz Stasto  
 Pedro Meireles  
 Timur Sadykov\*  
 Biliana Chamlieva  
 Rute Azevedo  
 Hazel Veitch  
 Luís Norberto Silva  
 Emília Alves  
 Helena Leão\*  
 Teresa Fleming\*

**Violoncelo**

Varoujan Bartikian\*  
 Feodor Kolpachnikov  
 João Cunha  
 Hrant Yeranosyan  
 Aaron Choi  
 Michal Kiska  
 Bruno Cardoso  
 Beatriz Figueiredo\*

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
 Nadia Choi  
 Altino Carvalho  
 Joel Azevedo  
 Slawomir Marzec  
 Georges Pereira\*

**Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
 Alexander Auer  
 Angelina Rodrigues

**Oboé**

Tamás Bartók  
 Telma Mota\*  
 Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
 Pedro Silva\*  
 João Moreira  
 Ricardo Alves\*

**Saxofone**

Fernando Ramos\*

**Fagote**

Gavin Hill  
 Robert Glassburner  
 Cândida Nunes

**Trompa**

Nuno Vaz  
 Hugo Sousa  
 Eddy Tauber  
 Hugo Carneiro

**Trompete**

Ivan Crespo  
 Luís Granjo  
 Rui Brito

**Trombone**

Dawid Seidenberg  
 Ivan Vicente\*  
 Nuno Martins

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
 Paulo Oliveira  
 Nuno Simões  
 André Dias\*  
 João Duro\*

**Harpa**

Ilaria Vivan

**Piano/Celesta**

Luís Duarte\*

\*instrumentistas convidados

**Operação Técnica****Iluminação**

Rui Pinto Leite

**Palco**

Alfredo Braga  
 Carlos Almeida

**Som**

Carlos Lopes

0.5%  
DO SEU  
IRS  
POR UMA  
BOA CASA

## PORQUÊ APOIAR A FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA?

Com programas educativos, concertos inesquecíveis e projetos comunitários, a Fundação Casa da Música promove a cultura, a educação e enriquece as vidas de milhares de pessoas.

## COMO FAZER

No quadro 11 da Declaração Modelo 3, selecione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.

Caso tenha IRS Automático, no momento da confirmação da declaração assinale a caixa que indica que pretende consignar 0,5% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo, sem qualquer custo para si e sem afetar o seu reembolso, permite-nos chegar mais longe.

**NIF 507 636 295**

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

